

Trópicos Imaginados: As geografias imaginativas sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*

Luis Fernando Tosta Barbato*

Desde o início da colonização brasileira, o Brasil foi palco da visita de uma série de estrangeiros, vindos de Portugal ou de outros países da Europa, eram eles colonos, religiosos, militares, cientistas, exploradores, homens de negócios, ou meros curiosos, que deixaram uma vasta gama de relatos acerca da terra na qual a diferença em suas gentes e natureza saltavam aos olhos e davam corpo às suas descrições.

Apesar de esses forasteiros sempre percorrem estas terras, o século XIX foi um momento especial nesse sentido, pois com o fim da proibição da entrada de estrangeiros na ainda colônia portuguesa, em 1808¹, o Brasil torna-se palco de todo um redescobrimto promovido por geógrafos, botânicos e outros cientistas, ávidos por conhecer e descrever o famigerado e desconhecido lugar, que ficara anos escondido sob a proibição da entrada de estrangeiros. Desta maneira, como nos diz Lilia Schwarcz, “a natureza brasileira ganhava novas representações, clichês e banalidades, sobretudo na França” (SCHWARCZ, 2008:48).

Assim, nesse súbito interesse por essas terras exóticas e recém liberadas à visitação, uma série de viajantes franceses passou a aqui aportar e a deixar seus relatos sobre as mais diversas peculiaridades que encontram no Brasil, como suas gentes mestiças, sua natureza bela e generosa, seu sistema administrativo, suas riquezas, e tudo mais que lhes chamassem a atenção. Dentre todos esses visitantes franceses que estiveram no Brasil nos oitocentos, analisaremos aqui aqueles que publicaram na *Revue des Deux Mondes*, periódico de grande importância e circulação no século XIX.

* Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

¹ É importante que lembremos que até a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, a entrada de estrangeiros era basicamente impedida ou limitada no Brasil. No entanto, essa proibição não evitou a vinda de religiosos, soldados, comandantes, corsários ou meros curiosos, como ressaltou Lilia Schwarcz, pessoas que deixaram uma série de relatos sobre nossas terras, passados avidamente de mão em mão. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. . *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008. p. 23.

Fundada em 1829, a *Revue* nasce como um objetivo: buscar o outro – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo - como forma de conhecê-los, e assim trazer para a França aquilo que de melhor havia no estrangeiro, contribuindo assim para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa. Como nos disse Katia Aily Franco de Camargo: “é preciso conhecer o outro para poder dele adotar aquilo que é conveniente e/ou apropriado para a França, para que essa possa melhor organizar sua sociedade” (CAMARGO, 2005:83).

No bojo desses relatos, a *Revue* francesa se tornou um periódico de grande longevidade e circulação durante o século XIX e início do século XX. Como nos trouxe Ana Luiza Martins, foi a *Revue*, dentre os periódicos estrangeiros, uma ocupante do topo da lista entre as mais festejadas publicações pelos homens de letras e ciências do Brasil da época, principalmente em sua fase Imperial (MARTINS, 2001:75-77). Figura importante nos principais acervos do país, circulava entre os personagens de Machado de Assis, e era aclamada pelo próprio Imperador D. Pedro II, seu leitor voraz (MARTINS, 2001:75), algo que lhe conferia bastante prestígio². A *Revue de Deux Mondes* gozava de prestígio, algo que se estendia ao seu leitor, como nos mostra abaixo, Ana Luiza Martins. De fato, a *Revue* era um periódico tomado de grande valor e importância durante os oitocentos:

“Afamada, assinada, adquirida, porém, pouco lida. Ou melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrado artigos de gama diversificada de autores europeus, transformo-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado e atualizado”

(MARTINS, 2001:75).

² Afinal, como nos ressalta Lúcia Maria Pachol Guimarães, construía-se a imagem de D. Pedro II como a do “príncipe perfeito”, oriundo das mais tradicionais linhagens reais europeias, mas nascido no Brasil, e admirado pelo seu amor às letras e ciências. Depositava-se nesse monarca as esperanças de um futuro brilhante para o Brasil. Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)” In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 388, 1995.pp. 544-545.

E esses viajantes da *Revue*, percorrendo um mundo exótico, deixaram registros no qual a diferença é tônica importante, e o mundo antagônico em quase tudo, mas principalmente pela sua população carente de civilização aos seus olhos e pela natureza magnífica que jamais encontraram na Europa, foram os principais pontos relatados pelos nossos visitantes franceses, e é na questão da natureza, amplamente presente em suas obras, que aqui vamos nos ater.

Como dissemos, desde o início da colonização, o Brasil foi visitado pelos franceses, e também, desde esses primeiros relatos produzidos, a natureza brasileira foi alvo recorrente nas impressões deixadas pelos viajantes. Em geral³, a visão inicial sobre o mundo natural brasileiro pode ser considerada bastantes positiva, afinal, Léry, Thevet, Gonneville, Abbeville, e uma série de outros visitantes desse Brasil dos primórdios da colonização, trouxeram imagens em suas descrições que aproximavam o Brasil de um paraíso terreal, tanto que Leyla Perrone-Moisés chamou de “alegres trópicos”⁴ esse mundo natural descrito por esses primeiros franceses (PERRONE-MOISÉS, 1989:90-92).

No século XIX, a boa imagem a respeito da natureza brasileira persistia, inclusive na *Revue des Deux Mondes*, no qual os elogios às belas paisagens, às riquezas naturais e à magnífica profusão de aves e plantas que encontraram no novo mundo são também frequentes e constantes. Os trechos a seguir nos dão clara mostra disso:

Enfin vous arrivez à la cime des montagnes: vous faites halte! Un océan de forêts se développe devant vous, immense comme l'océan des eaux, sublime comme lui, incommensurable, sans bornes (LACORDAIRE, 1832:657).

³ É importante que aqui frisemos que as imagens eram apenas globalmente positivas, isso porque, mesmo em meio à uma profusão de belezas, riquezas e cores, conferidas pelos trópicos brasileiros, os horrores causados pelas imagens da nudez, antropofagia e feitiçaria indígenas, e mesmos as tormentas, as serpentes e os mosquitos, ajudavam a quebrar a ideia de um éden tropical perfeito. No entanto, apesar desses reveses, as imagens acerca da natureza brasileira tendiam mais para o positivo que para o negativo.

⁴ Apesar de serem muitos os exemplos desses “alegres trópicos” desses primeiros franceses, o trecho a seguir, de Jean de Léry, é uma boa mostra de como a natureza brasileira era cantada e enaltecida nesses relatos: O Seigneur Dieu que tes oeuvres divers/ Sont merveilleux par le monde univers: O que tu as fait par grand sagesse! Bref, la terre est pleine de ta largesse. Cf. LÉRY, Jean de. *Histoire d'un Voyage fait en la Terre Du Brésil*. Paris: Libraire Generale Française, 1994. p. 334.

Ou ainda:

“Dussé-je vivre pendant des siècles l’impression que produisit sur mon esprit le mélange de grandiose et de gracieux dont mes yeux furent tout à coup frappés, serait toujours fraîche dans ma mémoire. J’ai vu depuis les rivages classiques de l’Italie ; j’ai long-temps séjourné au milieu des beautés romantiques de la Suisse ; j’ai parcouru les rives pittoresques du Rhin : mais les brillantes créations du monde européen, avec leurs inépuisables trésors d’associations historiques et poétiques, ne m’ont jamais fait éprouver ces sentimens mêlés d’admiration et de plaisir, dont je n’ai pu me défendre à la vue de la majesté sublime de ce chef-d’œuvre de la nature, la baie de Rio-Janeiro” (ANÔNIMO, 1829:115).

E casos como os mostrados acima, no qual as florestas se apresentam como infinitas e incomensuráveis, e a grandiosidade das paisagens salta aos olhos estrangeiros, apresentando-se de maneira sublime, sendo a beleza natural exaltada, não são exceção, mas pelo contrário, são bastante comuns, estando presentes em praticamente todos os artigos sobre o Brasil publicados na *Revue* do século XIX.

No entanto, mesmo essas odes às maravilhas naturais brasileiras não escapam a jogos ocultos entre paisagens, descrições e representações, afinal, toda essa beleza marcada nas florestas, aves, rios e o imenso mar de nossa costa, que enchiam os olhos europeus e foram densamente relatadas, como vimos acima, também serviam a um propósito bastante claro: marcar a diferença, marcar que essas terras tropicais ocupavam um lugar distinto no globo daquele ocupado pela Europa de onde eles partiram. É aqui que podemos inserir tais descrições, mesmo aquelas aparentemente mais descompromissadas, naquilo que Edward Said chamou de Geografias Imaginativas, ou Geografia Imaginárias.

Said, em sua obra *Orientalismo*, nos trouxe um princípio segundo o qual as entidades geográficas, no caso o Oriente e o Ocidente, mas que podemos ainda estender a outras dicotomias, como Trópicos e Zona Temperada – para não falarmos em Trópicos e uma Europa propriamente dita - são historicamente construídas a partir de discursos.

A partir das diferenças, forja-se um concorrente cultural, que ajuda a definir a Europa - ou, o Ocidente -, como sua imagem, ideia, experiência e personalidade contrastantes, como nos diz Said, tanto que um dos objetivos do livro é mostrar que a cultura europeia ganhou força e identidade comparando-se com o esse Oriente, colocando-se perante ele como uma identidade substituta, na qual ele fazia o papel do distinto, do subterrâneo, do clandestino (SAID, 1990:13-16).

A partir de relatos – acadêmicos, administrativos e literários - produzidos a partir de determinados olhares europeus, opera-se um processo de homogeneização e unificação de uma região vasta e diversa, como é o caso do Oriente ou do mundo tropical e desenha-se “o outro”, aquele que é diferente, que serve de contraponto à cultura europeia, inferiorizado na maioria das vezes através de estereótipos que justificam e legitimam a dominação (SAID, 1990:13-16).

Desta maneira, toda essa descrição realizada por esses europeus, calcada em elogios à natureza brasileira, pode guardar nuances muito mais profundas, que vão além de olhos encantados e invejosos de um mundo natural que não lhes pertencem e nunca vai lhes pertencer. Isso porque, ao se descrever a natureza do lugar, aponta-se também para aquilo que diferencia o mundo encontrado do mundo ao qual pertencem. O Brasil era belo pela sua natureza, mas essa natureza toda também significava a distância da civilização, e as descrições das belezas tropicais passam de simples elogios a marcas que diferenciam a natureza da sociedade. Sendo assim, o Brasil, estando tão perto da natureza estava, na mesma proporção, tão distante da civilização.

E é nesse meio que os viajantes da *Revue de Deux Mondes* descrevem o Brasil, a partir daquilo que seria seu oposto, seu contraponto, as vezes de maneira mais direta, ao mostrar as mazelas de um país e de um povo atrasados culturalmente e ao ver na Europa a chave do sucesso daqueles pobres trópicos, outras vezes de maneira mais sutil, indireta, em uma simples descrição de tudo aquilo que era diferente da sua Europa, momento no qual a natureza e o clima quase sempre ganham destaque.

Nesse sentido, o trecho de Adolphe d'Assier nos serve de exemplo de como uma natureza magnífica estava distante da Europa a que conheciam:

Aujourd'hui toutes les collines qui avoisinent les grandes villes brésiliennes sont couvertes de plants de sucre et de café, et il faut chevaucher à travers des chemins impraticables pour retrouver les forêts primitives que n'a pas encore atteintes la hache du colon ; mais l'on a les émotions de la route, du ciel, du paysage, et ce spectacle fait oublier tout le reste (ASSIER, 1864:549).

No trecho acima, fica claro para Assier que a natureza que se apresentava nos caminhos do interior do país eram um verdadeiro espetáculo aos seus olhos, mas que essa beleza toda estava inculta nas florestas virgens do interior, onde os machados do colonizador ainda não haviam alcançado. Todo o espetáculo genuíno brasileiro, guardado em seu céu, matas e rios parecia ruir perante a ação do agente transformador europeu. As plantações de cana-de-açúcar e café podiam ser positivas, pois eram o progresso, a riqueza – não aquela arrancada diretamente pela terra, mas sim dela conquistada -, a civilização avançando, mas a verdadeira beleza brasileira, aquela que verdadeiramente encantavam os forasteiros, justamente por ser distinto de tudo o que conheciam, era a mata intocada e inculta. Como disse Maria Alzira Seixo, a estranheza é um fator capaz de provocar reações dúbias, tanto de afastamento quanto de fascínio (SEIXO, 1996:125). Perante esse quadro de estranhamento e fascínio pela natureza brasileira, cabe a pergunta: mas nesse jogo entre belezas naturais e civilização, quem saia ganhando?

Assier não era o único que em seus relatos transparecia esse fascínio pelo diferente, pelo distinto, proporcionado por quadros naturais alheios à Europa natal. Émile Adêt, não se resguarda em dizer que era na natureza poderosa, imersa em sua própria desordem primitiva, parecia sair das mãos do Criador:

Sauf quelques villes, quelques villages, quelques vastes plantations clair-semées sur cet immense territoire, on n'y découvre sans cesse que des bois vierges, des montagnes colossales, des cascades gigantesques, toute la grandeur enfin et parfois toute la sauvagerie d'une nature puissante qui, dans son désordre primitif, semble sortir des mains du Créateur (ADÊT, 1851:1085).

No trecho acima, que descreve suas impressões durante suas andanças pelo Brasil, fica claro que não são as cidades ou as vastas plantações que encontra que lhe tocam a alma, mas sim as matas virgens, as montanhas colossais e as cascatas gigantescas. É o primitivo e o natural, há tanto perdidos no Velho Mundo, que são dignos de suas notas de enaltecimento e provocam o êxtase em seus sentidos. As cidades, as casas, as igrejas, e a gente mestiça também chamam a atenção do viajante francês, mas mais por serem cópias imperfeitas de seu mundo, do que por serem algo em todo distintas. A natureza seminal, que inundava todos os espaços dessa nova sociedade, com seu clima enervante, com sua pestilência, com sua abundância, era o que marcava a distinção, e menciona-la, mesmo em momentos genuínos de admiração, era mostrar que o Brasil não era a França, definitivamente.

Assim, trazemos um ponto-chave dentro dos escritos publicados na *Revue des Deux Mondes*, e mesmo de outros viajantes franceses que aqui estiveram, nos mais distintos períodos da história brasileira: a exaltação das belezas naturais. Mas uma exaltação que ia além da mera vontade de relatar as benesses e espetáculos tropicais, mas que mostrava também um mundo distinto e inferior em relação aquele que conheciam, pois era demais natural, em um momento em que o que se buscava e valorizava era justamente seu oposto, a civilização.

E prova disso, dessa disparidade entre o Brasil dominado pela natureza e a Europa da civilização, são os muitos relatos que atestam a necessidade de se aproximar da Europa, caso o Brasil quisesse vislumbrar um lugar entre as nações civilizadas. A chave para o sucesso na agricultura, na pesca, na indústria, no governo, na educação, no comércio, enfim, no progresso, estava na aproximação com a Europa, aproximação essa que deveria ser dar nas mais variadas formas, como veremos a seguir, e todas essas formas significava cada vez mais abandonar o mundo natural, e aproximar-se cada vez mais do governo, da indústria, enfim, de tudo o que significava o afastamento do mundo natural e a aproximação com o mundo civilizado. A verdade é que a falta da presença europeia significava falta de civilização:

Il n'est pas facile d'acquérir une connaissance exacte et complète de l'état du Brésil. Pour étudier le pays et les habitants, ce n'est point assez d'un séjour, même prolongé, dans les principales villes : il faut s'enfoncer dans l'intérieur des terres, là où n'a pénétré qu'à demi l'influence européenne ; c'est là qu'on apprend à connaître la population, c'est là aussi qu'on se rend compte des obstacles nombreux et divers qui arrêtent dans cet empire le développement de la prospérité matérielle et de la civilisation (CHAVAGNES, 1844:66).

Chavagnes dá mostras de que a falta de uma penetração mais intensa da influência europeia no interior do Brasil mostra o grau das dificuldades que o Império Brasileiro teria que enfrentar, pois isso refletia em obstáculos que freavam o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização no Brasil. Desta maneira, desenvolvimento estava diretamente ligado à influência europeia. E os casos que reforçam essa associação Europa-progresso não se cansam de aparecer dentro da *Revue*, sendo um ponto presente em quase todos os autores que se dedicaram a escrever sobre o Brasil.

Saint-Hilaire, por exemplo, via no contato com nações “mais civilizadas” uma forma de elevar a prosperidade do país, como a própria história mostrava. Segundo o naturalista francês, o Brasil tinha intenções que iam nessa direção, pois enviava jovens para estudar na Europa para depois voltarem e difundirem aqui as Luzes que lá encontraram, no entanto, esse método seria eficaz? Não seria melhor, e mais barato, trazer professores europeus para cá, capazes de difundir as luzes a uma quantidade muito maior de pessoas? São a partir de indagações como essas que notamos o quão arraigadas estavam a noção de progresso e civilização ao continente europeu (SAINT-HILAIRE, 1831:337-338).

Lacordaire é outro que traz em si essa noção que associa Europa ao progresso, como já tratamos anteriormente, vê na catequese – uma instituição europeia – uma forma de tirar os indígenas de suas condições miseráveis e introduzi-los nos luxos que somente a civilização poderia proporcionar (LACORDAIRE, 1835:339).

Castelnau evidencia que para aqueles viajantes que estão acostumados a percorrer “regiões civilizadas”, as viagens pelo interior do Brasil, lugar no qual, segundo o próprio

Castelnau, estava distante da civilização que crescia no litoral e estava imerso na barbárie⁵, poderiam ser algo bastante penoso pois a falta de civilização também significava falta de estradas, algo intimamente relacionado à presença europeia⁶.

Eliséé Reclus começa seu relato trazendo um panorama do Brasil, no qual ele pode ser dividido em duas metades, uma meridional, mais longe da Europa, porém receptor de viajantes, negociantes, imigrantes, todos europeus, que trazem consigo todos os modos de vida do Velho Continente, é nessa metade que se encontra as grandes cidades brasileiras e onde se encontram quase toda a população mais ou menos civilizada. Já na metade norte do Brasil, dominada por desertos e florestas, apesar de mais próxima da Europa, a civilização europeia se propaga com muita lentidão, parece não ousar desafiar a grande bacia amazônica que se abre a sua frente, essa parca presença europeia resulta na formação de cidades de apenas segunda ordem dentro do Brasil. As terras tidas como mais civilizadas localizadas justamente nas regiões mais distantes do Brasil, em relação ao Velho Continente pareciam como um paradoxo, e nesse sentido, a presença europeia era mais uma vez associada à civilização e progresso⁷.

⁵ “Nous arrivâmes enfin à Goyaz. Cette ville est plus connue sous son ancien nom de Villa-Boa. La population, qui s’élève à sept ou huit mille habitants, n’est presque entièrement composée que de nègres et de gens de couleur. Nous fûmes admirablement reçus par le président de la province, don José d’Assiz de Mascarnas, qui avait fait préparer d’aisance son palais pour notre réception. Si dans la province des Mines nous avions trouvé les esprits agités par les idées de la civilisation moderne et le désir du progrès politique, dans celle de Goyaz, au contraire, nous trouvâmes toutes choses telles qu’elles étaient sous le gouvernement colonial : fort peu, parmi les habitants, savaient qu’une révolution fondamentale avait changé la face du Brésil, et peu nombreux aussi étaient ceux qui s’occupaient d’une constitution dont la plupart ignoraient même l’existence (...) Malheureusement, pendant que la civilisation se répand sur les côtes du Brésil, la barbarie s’empare de tout l’intérieur : les sauvages reprennent partout leur souveraineté primitive ; les plantations, les villages même sont attaqués et brûlés, et ceux des habitants qui échappent à ces massacres s’empressent de quitter des lieux où leur vie est continuellement en danger”. Cf. CASTELNAU, Francis. “L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud”. Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848. pp. 203-204.

⁶ “Ceux qui n’ont parcouru que des régions civilisées, où il existe des moyens réguliers de transport, ne peuvent se faire une idée des difficultés qui entourent une expédition tentée dans l’intérieur du Brésil”. Idem, p. 200.

⁷ “L’empire du Brésil se compose de deux, moitiés complètement distinctes, auxquelles le cap Saint-Roch sert de limite commune. Ce promontoire, qui brise les eaux du grand courant équatorial et le partage en deux fleuves maritimes s’écoulant en sens inverse, divise aussi le flot de la civilisation en deux courans inégaux. La partie méridionale du Brésil est la plus éloignée de l’Europe, et cependant c’est elle qui reçoit les voyageurs, les négociants, les émigrants, les marchandises, et subit l’influence de nos mœurs ; c’est elle qui a vu s’élever les grandes villes, Pernambuco, Bahia, Rio-Janeiro, et se grouper presque toutes les populations brésiliennes plus ou moins civilisées. Bien que relativement plus près de l’Europe, la partie septentrionale de l’empire est au contraire presque déserte, et ses capitales, Ceara, Parahyba, Maranhão, ne sont que des villes de second ordre. La civilisation européenne s’y propage avec une extrême lenteur, et semble s’arrêter à l’entrée du magnifique estuaire où se déversent les eaux du Tocantins et de l’Amazone ; elle n’ose pénétrer dans cet immense bassin fluvial, le plus admirable et le plus important qui existe sur tout le pourtour du globe”. Cf. RECLUS, Elisée. “Le

Reclus, assim como Castelnau, fala da diferença que o viajante europeu encontra, em matéria de conforto, nas viagens que realiza em zonas civilizadas, como a Europa, e em zonas onde a civilização ainda não chegou, como era o caso da Amazônia que descrevia. As diferenças são gritantes: formadas por poucas cabanas insalubres, as cidades amazônicas possuem apenas algumas escolas pouco frequentadas, os livros são praticamente desconhecidos, e piratas europeus e feiticeiros indígenas ocupam o lugar de médicos. Nota-se mais uma vez que as condições de vida eram sempre piores quanto menor fosse a penetração da cultura europeia, e regiões distantes, como a Amazônia, sofriam com isso⁸.

Outro exemplo dessa pretensa falta de civilização pode ser encontrado no relato do escritos de um autor anônimo, que depois de sete anos viajando por terras brasileiras, retorna a Londres e se esbalda nas cenas que vê, tão distintas daquelas que encontrara na América do Sul, nas quais percebe a presença de um governo regular e de uma civilização avançada⁹.

Desta maneira, o Brasil se apresentava como um palco no qual as antigas forças da natureza e da selvageria combatiam as novas forças da civilização, as quais cabiam aos europeus lutar em nome desta última contra uma ampla gama de inimigos representados em raças inferiores, florestas indômitas, rios pestilentos, um calor escaldante, e tantos outros desafios. O Brasil não estava fadado ao fracasso como se poderia imaginar vendo o quadro apresentado pelos viajantes frente a tantos problemas, havia uma solução, e ela dependia de um único fator para o sucesso: a Europa.

Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens”. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1862. pp. 931-932

⁸ “Et quelles villes ! Les voyageurs qui croiraient y retrouver le confort auquel ils étaient accoutumés en Europe seraient bientôt déçus. La plupart des cités amazoniennes ne sont que des agglomérations de cabanes malsaines. (...) Quant aux livres, ils sont à peu près inconnus ; les grandes villes sont les seules à posséder quelques écoles peu fréquentées, et de l’embouchure du fleuve à la frontière péruvienne il n’existe d’autres médecins que des flibustiers d’Europe et les sorciers indigènes. Cependant là où la civilisation n’existe pas encore, les raffinements de la mode ont déjà pénétré, et tel négociant qui n’a peut-être pour toute nourriture que du manioc et du poisson endosse religieusement l’habit noir, échange des cartes de visite avec ses amis et envoie des invitations de bal imprimées en lettres d’or”. *Idem*, pp. 938-939.

⁹ “Ce fut dans une belle soirée qu’après une absence de sept ans, je mis de nouveau le pied sur le sol anglais, à Douvres. Lorsque, penché sur la fenêtre de l’hôtel, je contemplai autour de moi tous les traits caractéristiques d’un gouvernement régulier et d’une civilisation avancée, lorsque je regardai les officiers de la garnison et les formes gracieuses des femmes de mon pays, qui, appuyées sur leurs bras, respiraient l’air du soir sur l’esplanade, je m’écriai involontairement avec le poète : A tous les cœurs bien nés que la patrie est chère !”. Cf. Anônimo. “Siège de San Salvador”. In. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l’administration et de mouer*. V. 1. 1829. p. 401.

Desta maneira, podemos concluir que na *Revue des Deux Mondes*, os escritores muito enalteceram as belezas naturais do Brasil, mas ao mesmo tempo, indicaram também a necessidade de civilização, mostrando que esse mundo natural era algo dispare do mundo ideal, de influência europeia, que conheciam. A natureza então serve como ponto importante na distinção e inferiorização do Brasil, apresentando-se como antagônica ao mundo civilizado. A Geografia Imaginativa de Said, que colocou as entidades geográficas como construídas a partir de discursos é perfeitamente percebida nesses caso, no qual constrói-se a imagem de trópicos belos, porém distantes da civilização, cabendo ao Brasil escolher o caminho que pretende trilhar: continuar um país bonito mas às margens do mundo, ou optar por modificar cada vez mais a sua natureza, que tanto entusiasma os olhos dos estrangeiros, e construir escolas, igrejas e indústrias, ou seja, aproximar-se do modelo de civilização europeu.

Bibliografia

- CAMARGO, Kátia Aily Franco de Camargo. “A Revista como Fonte de Pesquisa”. In. *Educação: teoria e prática*. V.13, , nº 24, jan-jun, 2005.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)” In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 388, 1995
- LÉRY, Jean de. *Histoire d’um Voyage faict em la Terre Du Brésil*. Paris: Libraire Generale Française, 1994.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Alegres Trópicos: Gonville, Thevet e Lery” In. *Revista USP*. São Paulo: USP, CCS, 1989.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. . *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.
- SEIXO, Maria Alzira. “Entre cultura e natureza: Ambiguidades do olhar viajante”. In. *Revista USP*, São Paulo (30). Junho/Agosto, 1996.

Artigos – Revue des Deux Mondes

- ADÊT, Émile. “L’Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850”. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851.
- Anônimo. “Siège de San Salvador”. In. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l’administration et de mouer*. V. 1. 1829.

- Anônimo. “Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro”. In. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l’administration et de mouer*. V. 1. 1829.
- CASTELNAU, Francis. “L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud”. *Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes*, 1848.
- CHAVAGNES, M.L. de. “Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844.
- D’ASSIER, Adolphe. “Le mato virgem, scènes et souvenirs d’um Voyage au Brésil”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864.
- LACORDAIRE, Théodore. “L’or de Pinheiros”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835.
- LACORDAIRE, Théodore. “Un souvenir du Brésil”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832.
- RECLUS, Elisée. “Le Brésil et la colonisation – le bassin des Amazones et les indiens”. *Revue des Deux Mondes: Bureau de la Revue des Deux Mondes*, 1862.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. “Tableau de dernières révolutions du Brésil”. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. V. III-IV, 1831.